



Apoio e reflexões
pedagógicas

ESCUTAR PARA FORMAR

O QUE A PSICANÁLISE ENSINA SOBRE ADOLESCÊNCIA,
ESCOLA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL



ESCUTAR PARA FORMAR: O QUE A PSICANÁLISE ENSINA SOBRE ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Andrea de Lemos Nascimento da Silva

Adolescência: uma travessia que pede escuta

A partir de Winnicott, vamos pensar a escola como ambiente de sustentação, escuta e pertencimento, capaz de favorecer o desenvolvimento integral dos adolescentes sem renunciar ao vínculo, aos limites e à aprendizagem.

Escutar o que ainda não virou palavra

Sabemos que o cenário da adolescência chega antes da palavra: silêncios, recusas, oscilações de humor e rendimento escolar, conflitos entre pares ou até mesmo dificuldades para se comunicar ou permanecer em sala de aula. Diante destes comportamentos, entre outros, a escola percebe que este corpo já não cabe mais, o que ele tenta expressar?

Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS, este período entre 10 e 19 anos é também essencial na formação da vida adulta. A saúde mental e as transformações biológicas desta etapa, de forma alguma, podem ser dissociadas destes sujeitos em desenvolvimento. Os mesmos estudantes que têm seus corpos alterados procuram também a sua identidade no contemporâneo.

Sendo a adolescência o tempo de querer autonomia, mas, de precisar ainda de sustentação. Se desejar pertencer, contrapõe-se ao desejo de não se expor e ao exagero pela busca por reconhecimento.

Faltam palavras, sobram palavras... No entanto, esses alunos se manifestam nas mais diferentes performances, manifestações visíveis que, para a escola, ainda que não esteja em uma posição clínica, pode ajudar a garantir que este espaço de aprendizagem não seja separado da vida emocional.

10–19 anos
segundo a Organização
Mundial da Saúde (OMS)





ESCUTAR PARA FORMAR:

O QUE A PSICANÁLISE ENSINA SOBRE ADOLESCÊNCIA,
ESCOLA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Os lutos da adolescência: perdas que também formam

A teoria psicanalítica nos ajuda a compreender que a adolescência é atravessada por lutos simbólicos. Segundo Aberastury e Knobel, em "Adolescência normal: um enfoque psicanalítico", descrevem essa passagem como um tempo de perdas e reorganizações.

O adolescente precisa elaborar o luto pelo corpo infantil, que já não corresponde à imagem conhecida de si; o luto pela identidade e pelo papel infantil, pois deixa de ocupar o lugar de criança sem ainda se reconhecer plenamente como adulto; e o luto pelos pais da infância, uma vez que os adultos idealizados passam a ser percebidos em suas falhas, limites e contradições.

Esses lutos, no cotidiano escolar, aparecem, e a escola, considerando essa travessia, amplia sua leitura: o adolescente não está apenas

| "Dando trabalho"

Muitas vezes, ele está tentando encontrar uma forma possível de existir em meio a mudanças que ainda não conseguiu simbolizar.

É nesse ponto que Winnicott contribui de maneira especial: para atravessar esses lutos sem se perder de si, o adolescente precisa encontrar um ambiente que sustente sua experiência. Uma escola suficientemente boa não elimina conflitos nem promete controlar estes corpos. Oferece presença, vínculo, previsibilidade, limites e espaços de expressão para que aquilo que aparece como ato possa, pouco a pouco, ganhar palavra.

Winnicott e a escola como ambiente suficientemente bom

Pediatra e psicanalista inglês, Donald Winnicott oferece uma contribuição preciosa para pensar esse cotidiano escolar: o sujeito se constitui e amadurece na relação com o ambiente. Para ele, não basta olhar para a criança ou para o adolescente de forma isolada; é preciso considerar a qualidade do que está sendo oferecido pelo entorno. Para a escola, isso implica a pergunta de "qual é o problema desse estudante?" para "que condições estamos oferecendo para que ele possa aprender e se expressar?"

Quando o autor fala de um ambiente suficientemente bom, ele nos convida a pensar nas condições facilitadoras que potencializam o amadurecimento do sujeito e consequentemente apoiam sua aprendizagem. Na prática escolar, isso se traduz em oportunidades que sustentam combinados, organizam rotinas, leem sinais, oferecem escuta e acolhem sem permissividade. Escutar, nesse sentido, não é "passar a mão na cabeça". É sustentar uma posição acolhedora capaz de diferenciar o ato do sujeito, o conflito da identidade e a impossibilidade de aprender.

Essa contribuição dialoga diretamente com a formação

integral. Um estudante não aprende apenas porque o conteúdo foi apresentado. Ele aprende quando encontra condições psíquicas, vínculo transferencial entre pares, professores e gestores, curiosidade e sentido.

| O conhecimento precisa tocar esse desejo.



WINNICOTT

O BRINCAR E A REALIDADE



ESCUTAR PARA FORMAR: O QUE A PSICANÁLISE ENSINA SOBRE ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Falso self e escola

Outro conceito winnicottiano que ilumina a adolescência é o falso self. Winnicott descreve situações em que o sujeito passa a responder excessivamente às expectativas externas, adaptando-se de modo defensivo, às vezes com aparente sucesso, mas com pouco contato com aquilo que sente e deseja.

Na escola, isso nos convida a olhar também para os estudantes que parecem "funcionar bem".

Em tempos de redes sociais, essa questão ganha ainda mais força: a adolescência é atravessada por imagens,

curtidas, comparações, pertencimentos e exclusões. Nem sempre o que aparece como força é força; nem é sempre o que aparece como desinteresse.

A escuta escolar pode abrir momentos para que o adolescente não precise apenas performar. Ao perguntar, observar, acompanhar e oferecer espaços de expressão, a escola comunica: você não precisa ser reduzido ao seu desempenho, ao seu conflito, à sua imagem ou ao seu erro.

WINNICOTTI, EM O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE MATURAÇÃO

"O conceito de um falso self tem de ser contrabalanceado por uma formulação do que poderia, com propriedade, ser denominado self verdadeiro. No estágio inicial, o self verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a ideia pessoal."

Formação integral: olhar para o sujeito inteiro

A Base Nacional Comum Curricular –BNCC, afirma o compromisso com uma educação integral voltada ao acolhimento, ao reconhecimento e ao desenvolvimento pleno dos estudantes. Isso exige olhar para o sujeito inteiro: cognitivo, emocional, social e simbólico. O estudante que aprende os conteúdos, é o mesmo que lida com vergonha, comparação, conflitos familiares, redes sociais, desejo de pertencer, medo do futuro e necessidade de ser visto. Considerar esta perspectiva amplia o cuidado pedagógico: o corpo que muda, a identidade que se reorganiza e as relações que se transformam também atravessam o modo como o estudante aprende, convive, participa e projeta o futuro. A forma como a escola acolhe um erro, conduz um conflito, escuta uma queixa, responde a uma crise ou celebra uma conquista comunica ao estudante algo sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.



ESCUTAR PARA FORMAR:

O QUE A PSICANÁLISE ENSINA SOBRE ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

A escola como rede de apoio

Quando a escola escuta, ela não individualiza sozinha aquilo que é coletivo.

Gestores, professores, orientadores, família e, quando necessário, serviços externos de saúde e proteção precisam atuar de modo alinhado, com clareza de papéis e cuidado na circulação das informações e no manejo.

Essa rede não se constrói apenas nos momentos de crise. Ela se fortalece quando a escola cria protocolos de acolhimento, espaços de conversa entre equipe pedagógica, canais de escuta para estudantes, estratégias de comunicação com famílias e critérios para encaminhamentos externos.



O que a série Adolescência nos ajuda a ver

A série *Adolescência*, lançada pela Netflix em 2025, pode ser lida como um disparador importante para diálogos interessantes. A narrativa coloca em cena uma pergunta incômoda: o que acontece quando sinais passam despercebidos até se transformarem em ruptura?

Evidencia uma adolescência que não pode ser lida apenas pelo ato final. Antes do acontecimento que assusta, há discursos que circulam, buscas e fragilidades que nem sempre são nomeadas e personagens tentando chegar depois que algo já transbordou.

Sob a luz psicanalítica, qual a leitura do ambiente, do pertencimento e da sustentação que aparecem antes da crise? Quais sinais podemos aprender a ler? Quais são as lacunas que existem para que os adolescentes falem antes sobre suas questões?

Cuidar não é controlar tudo. É acompanhar, construir confiança e intervir quando o laço com o outro se rompe.



ESCUTAR PARA FORMAR:

O QUE A PSICANÁLISE ENSINA SOBRE ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Da escuta à ação: práticas possíveis

Escutar precisa virar prática. Não à toa, que a associação livre, no setting analítico, mostra que ao falar, a palavra precisa encontrar lugar e, inclusive os silêncios. Uma escola que trabalha com adolescentes pode criar rodas de conversa com temas próximos dessa experiência, como pertencimento, redes sociais, corpo, futuro, amizade, conflitos, projeto de vida e convivência. Essas rodas não precisam funcionar como confissão pública, mas como espaço mediado de circulação da palavra.

Também é possível instituir tempos de escuta na rotina: momentos breves de acolhimento em início de ciclo, tutoria com grupos menores, encontros periódicos entre coordenação e representantes de turma, protocolos para que estudantes saibam a quem recorrer quando algo não vai bem e registros cuidadosos para que a rede acompanhe situações sem exposição indevida.

1

RODAS DE CONVERSA

pertencimento, corpo, redes sociais e projeto de vida

2

TEMPOS DE ESCUTA

acolhimento breve no início de cada ciclo

3

TUTORIA EM GRUPOS MENORES

encontros periódicos com a coordenação

4

PROTOCOLOS DE ACOLHIMENTO

a quem recorrer quando algo não vai bem

5

RITUAIS DE PASSAGEM

entre segmentos, marcando pertencimento

6

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

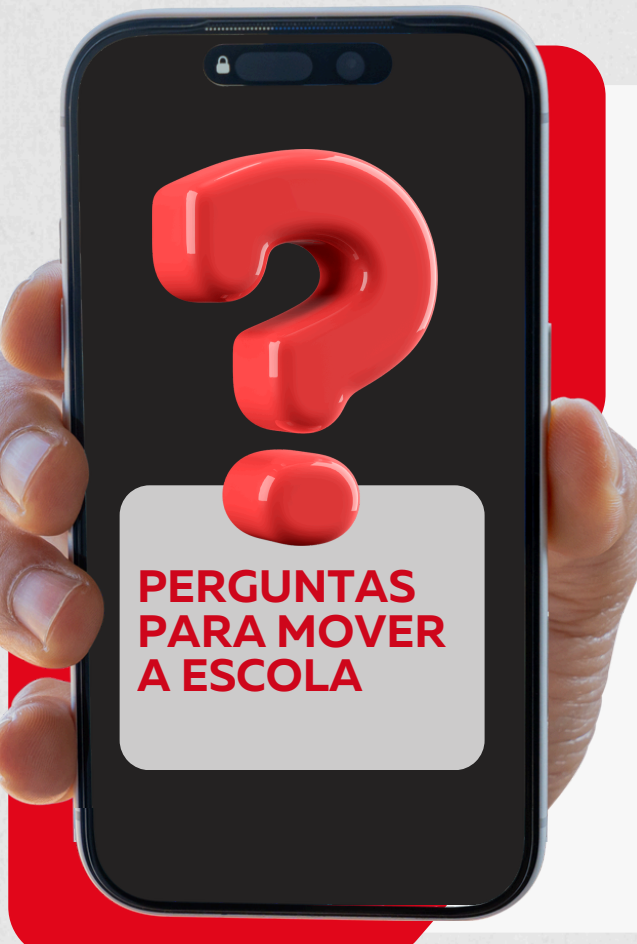
combinados construídos com a turma e com a coordenação

Inspiradas em Winnicott, essas práticas podem ser pensadas como formas de oferecer continuidade, pertencimento e espaço potencial. São ações simples, mas com grande força simbólica: acolhida de novos estudantes, combinados construídos com a turma, projetos colaborativos, assembleias, mediação de conflitos, rituais de passagem entre segmentos e momentos de síntese sobre o que foi vivido.



ESCUTAR PARA FORMAR:

O QUE A PSICANÁLISE ENSINA SOBRE ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL



PERGUNTAS PARA MOVER A ESCOLA

- Que espaços reais de escuta existem hoje para os adolescentes?
- Como a equipe lê os lutos da adolescência — corpo, identidade e relação com os adultos — nas situações de aprendizagem e convivência?
- Como a escola diferencia conflito, sofrimento, indisciplina e pedido de ajuda?
- Quais as referências para os estudantes em situações de vulnerabilidade?
- A equipe tem protocolos claros de acolhimento, registro, encaminhamento e devolutiva?
- Como projetos e práticas de protagonismo ajudam o estudante a simbolizar experiências e construir pertencimento e conhecimento?

Escutar para formar

Escutar é vincular uma escola que lida com sujeitos em construção, e, neste contexto, possível buscar caminhos sublimatórios, ou seja, socialmente fortalecidos e reconhecidos.

E, para além, abrindo espaço para elaboração do desejo de estar e aprender.

Escutar é fazer ainda melhor: compreender antes de agir, agir em rede, sustentar limites com humanidade e criar condições para que cada estudante possa transformar inquietações em linguagem, pertencimento em responsabilidade e experiência escolar em desenvolvimento integral.



ESCUTAR PARA FORMAR:

O QUE A PSICANÁLISE ENSINA SOBRE ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Para saber mais

- **WINNICOTT, Donald W. O brincar e a realidade.**
Obra fundamental para compreender os conceitos de espaço potencial, criatividade e experiência cultural.
- **WINNICOTT, Donald W. O ambiente e os processos de maturação.**
Reúne textos importantes sobre ambiente, maturação emocional, holding e desenvolvimento.
- **ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico.**
Referência clássica para compreender os lutos simbólicos da adolescência e suas manifestações no processo de constituição subjetiva.
- **BRASIL. Base Nacional Comum Curricular.**
Documento orientador que afirma o compromisso com a educação integral e o desenvolvimento de competências cognitivas, socioemocionais e éticas.
- **ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Adolescent mental health.**
Dados e recomendações sobre saúde mental na adolescência.
- **Série Adolescência, Netflix, 2025.**
Produção que pode disparar debates formativos com equipes escolares sobre juventudes, pertencimento, violência simbólica, cultura digital e presença adulta.

Conheça o autor



**Andrea de Lemos
Nascimento da Silva**

Especialista em educação
e psicanalista

Sou Pedagoga, especialista em Gestão Escolar – Direção, Supervisão, Orientação Educacional e Inspeção. Nestes campos o que mais chamou a minha atenção foi a Orientação Educacional, onde encontrei uma paixão ainda maior pelas pessoas no quanto seus “eus” internos e externos podem ser fatores influenciadores para viverem uma vida mais interessante.

Atuei em sala como docente servidora pública em todos os segmentos. Coordenei o segmento do EFAF, na região da costa Verde e, também como coordenadora de informática educativa.

A alguns anos entrei no ramo editorial como consultora pedagógica RJ e GO e desempenhei funções tanto na supervisão pedagógica RJ, GO, DF, MG e SP quanto na supervisão comercial RJ e ES. Procurando unir estes universos para obter melhores resultados na educação.

Tenho formação psicanalítica, e psicologia escolar pela PUC RJ – RS. Minha especialidade neste campo é sobre a contemporaneidade. Atuando também como docente das teorias psicanalíticas e atendimentos clínicos. Meus interesses passam pela educação, as relações sociais e a mente humana.



sm